

GT01: A universidade como local da alteridade

Susana Abrantes, Carla Dias

A ampliação da universidade pública brasileira, somada às políticas de ação afirmativa, possibilitou mudanças profundas na composição do corpo social das instituições. Os estudantes comumente excluídos deste espaço de formação, chegam com histórias ativas que mostram uma complexidade de agendas, significados políticos e audiências, representando grupos que sobreviveram às invasões coloniais, à assimilação forçada e à escravização e que hoje lutam dentro de regimes dominantes, em resistência e reconexão aos seus valores ancestrais. O conhecimento produzido por eles nessa nova arena é resultado de situações existenciais, muitas vezes expressas por meio de histórias de vida, e reformulado nas relações interculturais e intercientíficas do cotidiano de ensino. Essas manifestações e formas de fazer mostram uma vitalidade cultural sentida dentro das universidades brasileiras que têm sido provocadas a pensar outras modelagens dadas por uma relação dialógica e a possibilitar outros pontos de vista e modificações no espaço de formação. Este GT convida pesquisadores e pesquisadoras a enviarem trabalhos que apresentem descrições, comparações e experiências sobre a universidade como o lugar da alteridade. Nos diferentes espaços da pesquisa, do ensino e da extensão há vivências distintas e inter-relacionadas sobre formas de conhecer, de sentir e de agir sobre o mundo que permitem um deslocamento do olhar docente em busca da construção de espaços mais democráticos.

A presença de estudantes indígenas na universidade: reflexões a partir da interculturalidade e diversidade

Autoria: Cíntia, Maristela Oliveira de Andrade, María Elena Martínez-Torres

Este trabalho traz a discussão do conceito de interculturalidade e diversidade, como alicerces que fundamentam a construção de espaços acadêmicos mais plurais etnicamente, a partir da reflexão da universidade como lócus do repasse de saberes e práticas hegemônicas colonialistas. O conceito de interculturalidade, entendido a partir da concepção de que há um saber dominante que precisa ser descolonizado e desconstruído, leva ao questionamento: Qual o significado da presença dos estudantes indígenas nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e como essa presença é capaz de questionar as teorias "científicas" postas como universais? A pesquisa bibliográfica, aliada à prática profissional da autora como assistente social na Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante da UFPB, onde é operacionalizado o Programa Bolsa Permanência e como doutoranda no PPGA/UFPB trouxeram subsídios para refletir sobre questões relacionadas à alteridade na Universidade. Ferramentas como a observação participante e entrevistas viabilizaram tal estudo, considerando que nos espaços profissional e acadêmico foi possível a convivência da autora com estudantes indígenas. Dentro desse contexto, o Sistema de Cotas e o Programa Bolsa Permanência constituem-se como avanços na discussão sobre a diversidade nas Universidades, sendo considerados pilares para a diversidade na Universidade, com forte apelo ao exercício da alteridade em todas as instâncias institucionais. A diversidade ainda representa um desafio para as IFES, quer para consolidação de uma universidade menos hegemônica como pela capacidade de romper paradigmas e abrir espaços de convivência, com práticas interculturais, onde há trocas de saberes e não imposição de um saber único!

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

